

**INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO
SUSTENTÁVEL - IPADES**

TECNOLOGIA E DEMOCRACIA: ARMAS CONTRA A FOME

Francisco Barbosa

Sócio Presidente - IPADES

A Conferência da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), sigla em inglês, tomou a decisão em 28 de novembro de 1979, de celebrar a cada ano o Dia Mundial da Alimentação, em 16 de outubro. Essa comemoração tem como objetivo aumentar a consciência pública sobre a natureza e as dimensões do problema da alimentação mundial no longo prazo, no sentido de fomentar a solidariedade nacional e internacional na luta contra a fome, a desnutrição e a pobreza.

No dia 31 de outubro de 2011, a Organização das Nações Unidas (ONU), sigla em inglês, comunicou ao mundo o nascimento do sétimo bilionésimo ser humano. O impacto dessa população na produção de alimentos é o grande desafio a ser vencido pela sociedade global. Questões como segurança alimentar e de que forma iremos dar de comer a esta população encontram-se no centro dos debates sobre o futuro do planeta e o da nossa espécie. A produção de alimentos e as razões da fome renitente são temas mais complexos do que podem parecer à primeira vista. Algumas perguntas que afligem os interessados do assunto são as seguintes:

A produção atual de alimentos é suficiente para alimentar esta população? Atualmente sim. A Revolução Verde permitiu, desde a década de cinquenta, um aumento excepcional na produção agrícola, impulsionada por novas tecnologias, o que superou o também impressionante crescimento da população humana. Com o auxílio da eficiência crescente da pesca oceânica comercial – que está devastando os mares – e da expansão da pecuária (notadamente de animais confinados), praticamente o mundo todo come uma quantidade maior de alimentos per capita do que fazia há 50 anos.

Em que pese o aumento demográfico, todos os continentes conheceram, entre 1961 e 2003, um aumento da quantidade média de calorias ingeridas diariamente por seus habitantes, incluindo a África ao sul do Saara. Nesse continente, o progresso foi

de apenas 6,1% contra a média de 38,8% do conjunto de países em desenvolvimento (dados da FAO). O mundo, como um todo, passou a ter à sua disposição praticamente 25% a mais de energia alimentar per capita nesse período. Claro, essa média esconde as disparidades (3.739 kcal/pessoa-dia na América do Norte versus 2.272 kcal/pessoa-dia na África, p. ex.). Mas, o fato é que em todos os continentes, as pessoas passaram a comer mais desde o início dos anos 1960.

O número relativo de pessoas subnutridas no planeta está em queda, embora em ritmo que se mostrou, nos últimos anos, insuficiente para reduzir o total dos famintos em valor absoluto. No início da década de setenta, 920 milhões tinham fome crônica, ou quase 25% da população global. Em 2003-2005, essa porcentagem havia declinado até 13%, equivalente a um pouco menos de 840 milhões de indivíduos (FAO). Dados deste ano indicam que os subnutridos, algo complexo de definir, somariam 925 milhões (World Food Programme), mas ainda abaixo de 14% da população mundial.

Quais são as projeções de aumento da produção alimentar em comparação com a da população humana? O consumo de cereais – base da alimentação global – cresceu acentuadamente desde os anos cinquenta. Entre 1961 e 1991 esse aumento foi de 109% contra 74% de aumento do número de seres humanos. No entanto, desde meados dos anos oitenta, aproximadamente, ora a produção cresce mais que a população, ora cresce bem menos. Entre 1985 e 2000, a produção de cereais deu um salto de 19,6%, mas o da população foi ainda maior: 26%. Outro exemplo: no período 1995-2004, o consumo de cereais subiu 9,6% versus 12,6% do aumento demográfico mundial.

Será que o crescimento da produção agrícola acima da expansão demográfica se mantém? E por quanto tempo? A verdade é que limites físicos já restringem e, obviamente, restringirão ainda mais a expansão alimentar. Erosão e compactação do solo, poluição, redução dos recursos hídricos, perda de matéria orgânica do solo, inundação e salinização de terras irrigadas, exploração excessiva dos recursos pesqueiros e poluição dos mares representam barreiras para uma oferta crescente de comida.

Toda essa problemática é a questão central do relatório *Food and Farming Futures (O Futuro da Comida e da Agricultura, em tradução livre)*, produzido e divulgado recentemente pelo governo britânico. O documento alerta que, em 20 anos, a população mundial chegará a, aproximadamente, oito bilhões de pessoas e,

consequentemente, a demanda por comida – que já não está sendo suprida – aumentará ainda mais.

Segundo o relatório, para evitar o aumento da fome global, a produção de alimentos deverá crescer 40% nas próximas duas décadas e, claro, de forma sustentável, para garantir a preservação do meio ambiente.

Ainda de acordo com o documento, para atingirmos essa meta é necessário elaborar um grande conjunto de ações, que abranja diversos setores envolvidos no sistema de produção. Entre eles: biotecnologia, agronomia e agroecologia, além da área de pesquisa científica, que será uma importante aliada para prever futuros problemas de alimentação – por conta das mudanças climáticas e da superpopulação, entre outros fatores – e ajudar a encontrar soluções para combatê-los.

O relatório, que contou com a colaboração de 400 especialistas de 35 países, ainda citou as políticas sociais adotadas pelo Brasil como importantes exemplos de combate à fome e à pobreza. Segundo o documento, o Brasil provou que “com as ferramentas certas e com vontade política, é possível reduzir a fome e a pobreza”. Cite-se também o acerto da agronomia brasileira – pesquisa, extensão rural e assistência técnica – no extraordinário aumento de produtividade e da ocupação racional e sustentável de biomas até então não utilizados na produção em escala.

A importância da biotecnologia nessa luta é fundamental. O Brasil saiu de uma posição de total atraso científico para outra privilegiada e admirada até mesmo pelo EUA. A transgenia parece não ter volta, pois traz soluções tecnológicas para problemas importantes da agricultura, como nos custos, em razão de pragas, doenças e dos fatores climáticos.

Com a integração das tecnologias – convencionais orgânicas, e as da engenharia genética – a produção agrícola brasileira aumentou mais de 100% nos últimos vinte anos, enquanto a área total plantada cresceu apenas 25%, o que se explica pelos ganhos em produtividade pela adoção de melhores práticas de correção e fertilização dos solos; controle mais eficiente de pragas e doenças; genética convencional e biotecnologia; gestão de processos.

Não se esqueça que tecnologia boa é aquela que traz liberdade e não aquela que aprisiona, fazendo a produção dependente dela. É preciso dar liberdade de escolha a produtores e consumidores, tendo disponível tecnologia de produtos

geneticamente modificados, convencionais e orgânicos, ou seja, também no aumento da produtividade é necessário o ambiente democrático.

Tanto a agricultura convencional, a da Revolução Verde, como a orgânica tem ainda um espaço para aumentar a eficiência, principalmente a última. A produtividade agrícola cresceu 146% entre 1963 e 2009, de acordo com a FAO, e deverá continuar crescendo, principalmente nos países em desenvolvimento. Isto e mais as medidas consideradas acima – todas factíveis – deverão evitar a contínua expansão da agropecuária, sempre à custa de habitats naturais, que são essenciais para o bom funcionamento do sistema Terra.

Os debates em torno do futuro da alimentação são acalorados e controvertidos. Isso é compreensível, porque além de ser um tema complexo e vital para a espécie humana, trata-se, de certa forma, de futurologia, em que pese extrapolações e técnicas refinadas de projeções. Contudo, mesmo os mais otimistas e os fiéis sectários da tecnologia sabem que – no intuito de se afastar ao máximo o risco de um colapso futuro - a boa precaução indica a imprescindibilidade de uma reforma na alimentação moderna, reduzindo a dependência de produtos animais, e de uma queda brusca na taxa de crescimento da população mundial. Toda essa questão passa necessariamente por posturas democráticas das sociedades, para que o direito natural do homem se alimentar suficientemente possa atender a todos. No século XXI é possível “sonhar” com essa futura realidade.